

Do Lado De Lá: A Cosmologia De Empédocles Pelos Elementais E Orixás Como Sustentação Filosófica Da Umbanda Sagrada, Do Kardecismo E Da Teosofia

Ricardo Soares Nogueira

é Mestre em Teologia, Especialista em Docência do Magistério Superior e Licenciado em Filosofia. É Embaixador da Paz. Membro da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência. Foi membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião. É Líder do Grupo de Pesquisa em Religiosidades Aplicadas às Humanidades – GPRHUM. É Sacerdote Emérito e Maçom Adormecido. Correio eletrônico:

Corresponding Author: Ricardo Soares Nogueira

Resumo: As linhas que seguem destinam-se à Gnose, Metafísica e Espiritualidade. Este trabalho propõe uma justificativa filosófica partindo da Filosofia Pré-Socrática, tendo em Empédocles seu fundamento até a Filosofia Espiritualista de Allan Kardec e Helena Blavatsky ressaltando o papel dos elementos da natureza e suas representações míticas e místicas nos elementais e orixás em diversos povos. Em todas as culturas a natureza foi honrada pela presença sobrenatural da divindade e seus fenômenos estudados, criando identidade, conhecimento e sabedoria que foram esquecidas pelo materialismo.

Palavras-chaves: Espiritismo, Oxum, Mônoda.

Date of Submission: 04-10-2019

Date of Acceptance: 21-10-2019

Saudações Metafísicas! A questão cosmológica como marco divisório entre mitologia e razão, pautando-se na busca pela *arché* inspirou teóricos da antiguidade na tentativa de compreensão das relações entre a *physis* (realidade física, psíquica, transcendente e hoje virtual) e o indivíduo como mente e corpo. Os pré-socráticos em nada são ‘filósofos menores’ em relação aos clássicos e estão longe de qualquer relação que os tente igualar aos sofistas. São pioneiros na sistematização de um mundo justificado pelo imaginário, o real, o racional e o sobrenatural. Empédocles não foge a regra. O conhecimento trazido para o ensino médio pelos livros didáticos de Filosofia referentes a Empédocles de Agrigento são escassos e mesmo na formação acadêmica contenta-se com a doxografia e os fragmentos sobre o autor pré-socrático. Autores como CHAUI (2013), ARANHA & MARTINS (2013) e COTRIM & FERNANDES (2013) abordam de maneira sucinta a biografia deste clássico, como observa-se na sequência:

Empédocles (c. 490-432 a.C.) nasceu em Agrigento, cidade da atual Sicília, Magna Grécia. Segundo sua teoria, tudo que existe deriva de quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Essa mistura que ele chama de “raízes” é movida por uma força interna do amor e do ódio: enquanto o amor une, o ódio separa, num ciclo de repetição eterno. (ARANHA & MARTINS, 2013, p. 28).

Na sequência as autoras supracitadas exploram o seguinte fragmento “Ainda outra coisa te direi. Não há nascimento para nenhuma das coisas mortais, como não há fim na morte funesta, mas somente composição e dissociação dos elementos compostos: nascimento não é mais do que um nome dado pelos homens” (BORHEIM, G. *apud* ARANHA & MARTINS, idem, p. 28).

Já COTRIM & FERNANDES (2013), acentuam que Empédocles foi também médico, professor, poeta, democrata, teórico da evolução biológica e considerado o primeiro sanitário da História e sobretudo um místico. Comentam que Empédocles buscou conciliar Parmênides e Heráclito, ou seja, identidade e devir. Segundo os autores citados neste parágrafo, os princípios universais opostos em Empédocles podem ser entendidos quando:

Esses elementos seriam movidos e misturados de diferentes maneiras em função de dois princípios universais opostos:

. amor (*philia*, em grego) – responsável pela força de atração e união e pelo movimento de crescente harmonização das coisas.

. ódio (*neikos*, em grego) – responsável pela força de repulsão e desagregação e pelo movimento de decadência, dissolução e separação das coisas. (COTRIM & FERNANDES, idem, p. 212).

Para CARRIZOSA, estudiosa colombiana de Empédocles, 470 fragmentos e dois de seus principais versos devem ser considerados como leituras obrigatórias pois abordam questões como os quatro elementos, a amizade e o ódio e as forças do ciclo cósmico. Observa-se que em língua espanhola a tradução do grego faz mais sentido do que em língua portuguesa para a questão da amizade, uma vez que este sentimento é o mais sagrado entre os filósofos e não o amor que pode sofrer mais conotações histórico- sociais diferentes como *eros* ou *ágape*, por exemplo, dependendo da poética. Para a mesma pesquisadora, “la Tierra ingresa a esta cosmología; se considera con detenimiento la visión aristotélica que no puede aceptar los “cuatro elementos” y, brevemente, por qué el gran filósofo del siglo V a.c. pertenece a la “era trágica de los griegos”. (idem, p. 1).

CARRIZOSA analisa os elementos na concepção de Empédocles e seu argumento que os emparelha com as deidades, onde Zeus é o fogo, Hera é a terra, Hades é o ar e Nestis é a água. “no son concebidos sólo como principios sino como principios vivientes em sí mismos” (Empédocles *apud* CARRIZOSA, idem, p. 1) ou também “conceptos generales como las cuatro raíces, creadores del universo entero y de su necesidad fundamental, se realizan a la vez particularmente en cada fenómeno natural, en cada ser, disposición, acto o gesto” (idem, ibidem).

As tensões entre as forças cósmicas fazem de Empédocles na visão de CARRIZOSA um taumaturgo, por que quanto a sua ideia de alma esta se distinguiria em alma corporal e elevada através da *anamnesis*, libertando-se do castigo estabelecido pelo cosmos. Segue pois, “las fuerzas [Amistad y Ódio], actuando para siempre bajo sus propios designios, nunca diluirán la tensión de su enemistad, y es de esta persistencia en la batalla que surge el devenir universal, como obra a la vez dolorosa y placentera de firmes y vigorosos artistas (...) el cosmos está sometido a um ciclo regido por la fatalidade (...) ondulación incessante del placer al dolor y del sufrimiento a la bienaventuranza.” (idem, p. 2).

I. MAGISMO EMPÍRICO NAS FORÇAS DA NATUREZA

Em nossas reflexões dos escritos de Empédocles acerca dos quatro elementos como forças da natureza são os mesmos descritos pelos hindus como devas, pelos europeus praticantes da alquimia como elementais e pelos povos africanos como orixás e suas relações com os elementares. Aquilo que o filósofo pré-socrático definiu como amizade e ódio são as variantes das personalidades dos orixás manifestas através dos médiuns na umbanda sagrada e em outras manifestações religiosas de matriz africana.

Observe-se a letra da música abaixo homenageando a orixá Oxum:

Nessa cidade todo mundo é d'Oxum
Homem, menino, menina, mulher
Toda gente irradia magia
Presente na água doce
Presente na água salgada
Presente na água doce
Presente na água salgada
E toda a cidade brilha
Seja tenente ou filho de pescador
Ou importante desembargador
Se der presente é tudo uma coisa só
A força que mora n'água
Não faz distinção de cor
E toda a cidade é d'Oxum
É d'Oxum
É d'Oxum
(la aguibá, ia aguibá, aguibá
la Oxum aura olu, olu, olu
Olu adupé, aguibá Oxum aurá
Olu, olu adupé, adupé)
Eu vou navegar
Eu vou navegar nas ondas do mar
Eu vou navegar nas ondas do mar
Iá aguibá Oxum aurá olu adupé

Nessa canção de Gerônimo e Vevé Calazans, interpretada por grandes nomes da música popular brasileira, dentre elas Gal Costa, percebe-se o sincretismo e o etnocentrismo do povo baiano e as relações dos elementais, dos orixás e do reino deva com as forças da natureza da tese de Empédocles, sobretudo o elemento água que constitui boa parte do planeta e do corpo humano e traz a fluidez do devir entre o jogo de forças da

amizade e do ódio. Este amor e ódio pode ser traduzido cientificamente na pela psicologia freudiana como *eros* e *thanatos*, desejo vital e mortal presentes em nossos arquétipos.

Maurício D'Ogum define os elementais como “entidades que geram, ordenam e dirigem as forças na natureza, trabalhando dentro de uma linha evolutiva (...). Podem ser percebidos pelo homem em certos estados de consciência” (idem, p.1). Os elementais na umbanda estão em harmonia com os sete chacras determinados por um orixá específico, colaborando com a apometria do terreiro. A distribuição dos elementais é semelhante àquela descrita por Paracelso na alquimia, isto é, do ar (silfos), da água (ondinas, sereias e ninfas), do fogo (salamandras) e da terra (gnomos e duendes), acrescidos os elfos para os metais, e também os avissais. De acordo com a lei do carma presente nas crenças orientais, os elementais e seus respectivos orixás estão “prontos a servir, acorrem solícitos ao nosso chamamento, desejosos de executar nossas ordens” (idem, p. 3).

Para Renato Paulo, a história dos orixás remonta à História da África uma vez que o orixá recebe o nome de um lugar, campo ou rio, como pedreiras ou nome de clãs ou famílias variando de região para região do continente.

Semelhante ao nome de santos do catolicismo romano-papista como Rita de Cássia, Antônio de Pádua, Benedito do Gurupá ou as várias devoções marianas como Nossa Senhora de Guadalupe, Fátima, Lourdes ou então como no nordeste brasileiro onde as mulheres são identificadas pelo nome de seus maridos, como por exemplo, Ana do Viana (comum no sertão baiano) assim ocorre com os orixás como forças de Deus através da natureza e perceptíveis pelos elementais (noção europeia). O vasto panteão se apresenta “na aurora de sua civilização, o povo africano mais tarde conhecido pelo nome de iorubá, chamado de nagô no Brasil e lucumi em Cuba, acreditava que forças sobrenaturais impessoais, espíritos, ou entidades estavam presentes ou corporificados em objetos e forças da natureza” (PAULO, p. 1).

Para a umbanda, religião nacional de influência africana, nosso arquétipo é influenciado constantemente pela necessidade de criar, manter e transformar nossa evolução nesta vida com o auxílio dos elementais e orixás. Assim:

A esses espíritos de alta força vibratória chamamos ORIXÁS, usando um vocábulo de origem Yorubana. Na Umbanda são tidos como os maiores responsáveis pelo equilíbrio da natureza. São conhecidos em outras partes do mundo como “Ministros” ou “Devas”, espíritos de alta vibração evolutiva que cooperam diretamente com Deus, fazendo com que Suas Leis sejam cumpridas constantemente.

O uso de uma palavra que significa “dono de cabeça” (ORI-XÁ) mostra a relação existente entre o mundo e o indivíduo, entre o ambiente e os seres que nele habitam. (PAULO, p. 2).

O Eledá junto com o Ossi e Otum trabalham os elementais moldando o duplo etéreo e o corpo denso dos indivíduos que têm na umbanda uma cosmovisão ecológica, confirmando a crença em Deus pela razão a partir das ideias de Empédocles e pela fé confirmando o fenômeno presente em várias culturas. Oxalá, Iemanjá, Nanã, Oxum, Oxumarê, Ogum, Ibeji, Xangô, Iansã, Oxossi, Ossãe, Obaluaiê, Exu, Obá, Ewa, Logun-edé, Iroko, Tempo, Orumilá e Ifá são alguns dos orixás classificados na umbanda, segundo Paulo Renato, como: 1º) Orixás Virginais = Recebem do supremo Espírito Reino Virginal; 2º) Orixás Causais = Aferem Karma causal; 3º) Orixás Refletores = Coordena Energia – Massa; 4º) Orixás Originais = Recebem dos três as vibrações universais; 5º) Orixás Supervisores = Supervisiona as leis universais; 6º) Orixás Intermediários = Senhores dos tribunais solares do Universo Astral; e 7º) Orixás Ancestrais = Senhores de toda a hierarquia planetária . (Idem, p. 7).

PEIXOTO (2017) nos ensina as relações entre os orixás e os ciclos da vida apresentando a mitologia yorubá e os ciclos relacionados ao corpo físico, da gestação à maturidade as forças da natureza são sempre presentes no desenvolvimento anímico do indivíduo. Observa-se que:

Nosso Ori – cabeça – é o responsável pela consciência, pelos sentidos e pela expressão da inteligência, que estruturam os processos de construção dos pensamentos e cognição mais profunda, aquisição de conhecimento, incluindo estados mentais de reflexão, atenção, raciocínio, memória, juízo, imaginação, pensamento, discurso, percepção visual e audível, aprendizagem e, por fim, emoções. (idem, p. 16).

Adiante, Peixoto (2017) contribui registrando que “a mitologia dos Orixás é extremamente importante como fator estruturante de aspectos humanizados das existências em todas as suas fases, desde o período antes do nascimento até após a morte carnal, cujas regras encaminham o homem para o equilíbrio existencial no presente ou “molestam” para que encontre o caminho o quanto antes, sua verdadeira vocação ou missão reencarnatória” (idem, 2017, p. 42).

II. PRESENÇA NO ESPIRITISMO CIENTÍFICO

A questão dos elementais, embora tenha sua expressão na Sociedade Teosófica de Helena Blavatsky (1831-1891), é mencionada no espiritismo kardecista no capítulo sobre ‘Perguntas que se podem dirigir aos Espíritos’, nº 295 sobre ‘Perguntas sobre os tesouros ocultos’ onde o filósofo francês espírita e espiritualista Allan Kardec cita os espíritos guardiães, afirmando que “ Há também os Espíritos da Terra, encarregados de

dirigir-lhes as transformações interiores, e dos quais, por alegoria, fizeram-se os guardiães das riquezas naturais” (KARDEC, 2008, p 272).

Em outra obra da codificação kardecista, nas questões de nº 536 a 540, no que diz respeito a ‘Ação dos Espíritos sobre os Fenômenos da Natureza’, Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) continua indagando os Espíritos acerca da presença dos elementos como causas fortuitas, presença na mitologia, categoria no mundo espiritual e conhecimento de causa. Para todas estas perguntas os Espíritos desencarnados respondem como verifica-se a seguir:

- Esses fenômenos têm sempre o homem por objeto ?
- Algumas vezes eles têm uma razão de ser direta para o homem, mas, frequentemente, também não têm outro objeto que o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza.
- Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primeira, nisso como em todas as coisas, mas como sabermos que os Espíritos têm uma ação sobre a matéria e que são agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exerceriam uma influência sobre os elementos, para os agitar, acalmar ou dirigir.
- Mas é evidente e não pode ser de outra forma. Deus não se consagra a uma ação direta sobre a matéria; tem seus agentes devotados em todos os graus da escala dos mundos. (KARDEC, 2009, p. 184).

Mencionando a mitologia, Kardec pergunta aos Espíritos se os elementais são divindades, o que lhe é negado, substituindo-lhe a ideia pela afirmativa de que estão abaixo da verdade e que um dia o ser humano compreenderá a Criação. Vê-se que as perguntas pertinentes continuam: “539 – Na produção de certos fenômenos, as tempestades, por exemplo, é um Espírito que age ou se reúnem em massa; - Em massas inumeráveis” (idem, 2009, p. 184).

Como Ciência e Filosofia a doutrina kardecista é de tendência eurocêntrica, por isso este tópico a parte, o que contribuiu para sua associação à lógica e ao método indutivo, porém como construção do século XIX apresenta estereótipos e informações desencontradas e obsoletas sobretudo nos aspectos sociais e dos direitos individuais que avançaram em quase dois séculos após a codificação. No quesito da concepção da teodiceias conflita com a Umbanda Sagrada e no que se refere ao misticismo e ocultismo oriental diverge com a moral cristã, porém, o assunto em pauta dos elementais é unanimidade em mais esta visão de mundo. Para concluir a participação de Kardec, segue a questão nº 540:

- Os Espíritos que exercem uma ação sobre os fenômenos da Natureza agem com conhecimento de causa, em virtude do seu livre-arbítrio ou por um impulso instintivo ou irrefletido?
- Alguns sim, outros não. Eu faço uma comparação: imagina essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem surgir, do mar, as ilhas e os arquipélagos; crês que nisso não há um fim providencial e que uma certa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral; Esses não são mais que animais da última ordem que cumprem essas coisas para proverem suas necessidades e sem desconfiarem que são os instrumentos de Deus. Muito bem! Da mesma forma os Espíritos, os mais atrasados, são úteis ao conjunto. Enquanto ensaiam para a vida e antes de terem a plena consciência dos seus atos e seu livre-arbítrio, agem sobre certos fenômenos dos quais são agentes inconscientes; eles executam primeiro; mais tarde, quando sua inteligência estiver mais desenvolvida, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material. Mais tarde ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral. É assim que tudo serve, tudo se condena na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo que, ele mesmo, começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia da qual vosso espírito limitado não pode ainda entender o conjunto. (idem, 2009, p. 185).

Em outra obra, considerada a mais cientificamente embasada, Kardec ao partir da astronomia, da mineralogia e da geologia apresenta os elementais como ‘alma da terra’:

Por alma da Terra, pode-se entender, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos encarregados da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe um certo grau de desenvolvimento intelectual; ou, ainda melhor: o Espírito ao qual está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que não pode ser entregue senão a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria. Nesse caso, o Espírito não é, propriamente falando, a alma da Terra, porque nem está nela encarnado, nem subordinado ao seu estado material: é um chefe encarregado de sua direção, como um general está encarregado da condução de um exército. (Idem, 2018, p. 112).

Portanto, verificou-se que com o pentateuco kardecista a questão dos elementais faz um percurso mais amplo, desde o misticismo da mitologia grega, passando pelos fundamentos do ‘Logos’ filosófico até chegar na ciência espírita e nas Humanidades ao apresentar-se em todos os povos como explicação para as forças naturais do planeta.

III. NA TEOSOFIA

“Toda religião admitia a realidade de seres espirituais”
(BLAVATSKY, 2018, p. 42)

H. P. Blavatsky dando-nos as chaves para a ciência e a teologia antiga e moderna, defende que os elementos, elementais e elementares constituem uma teoria de correlação de forças, daí em alguns episódios narrativos serem associados aos *diakkas*, quando apenas atração e repulsão magnéticas são o segredo em todo o reino da natureza. Magnetismo, magia, e conhecimento são aquilo que deve-se conhecer para se controlar os poderes da natureza. Suas forças devem ficar a mercê da vontade humana. Os elementais são aéticos e menos evoluídos espiritualmente, por isso, caberá ao ser humano o uso daquilo que o mundo físico com suas leis físicas e espirituais poderá prover em benefício de todos. Diz a ocultista russa: “a magia era outrora uma ciência universal e estava inteiramente nas mãos do sábio sacerdote. Embora o foco fosse zelosamente guardado nos santuários, seus raios iluminavam toda a Humanidade” (BLAVATSKY, 2017, p. 300).

Quando a autora supra citada menciona alguns mistérios da natureza, observa-se o seguinte: “também podemos perceber por que, dados os vários aspectos dos astros, bandos de “elementais” amigáveis ou hostis podem ser derramados em nossa atmosfera, ou alguma porção determinada dela, e aí fazer sentir a sua presença por meio dos efeitos que enseja” (idem, p. 332).

Em *Ísis sem Véu*, Blavatsky concluiu que os elementais derivam da luz astral, isto é do cosmos. “Todas estas raças pertencem a este planeta ou a algum outro das miríades do espaço, têm os seus corpos terrestres elaborados na matriz dos corpos de uma certa categoria desses seres elementais que já passaram para os mundos invisíveis (...) e da mesma maneira, desde o éter universal ao espírito humano encarnado, eles descobriram uma série ininterrupta de entidades” (idem ibidem, p. 332).

No Volume II de *Ísis Sem Véu*, nossa autora co-fundadora da Teosofia, madame Blavatsky nos escreve que “os elementais, que jamais se transformam em seres humanos, mas ocupam um grau específico na escala dos seres, e, em comparação com os outros, podem ser justamente chamados de espíritos da Natureza, ou agentes cósmicos da Natureza, uma vez que cada ser se acha confinado ao seu próprio elemento e nunca transgredir os limites dos outros” (BLAVATSKY, 2018, 24).

Elementais, orixás, *daemons*, *daêvas*, *daitryas*, *yowahoos*, visagens, mães do mato ou pais de santo, essas forças da mãe natureza no ocultismo teosófico representam a união desprezada entre a ciência e a teologia, pois:

Os demônios da Terra, do ar, do fogo e da água são de uma essência fluida, etérea, semicorpórea. São estas classes que atuam como agentes intermediários entre os deuses e os homens (...) Eles dirigem o crescimento, o florescimento, as propriedades e as diversas transformações de plantas (...) e, como o reino vegetal é um grau mais elevado que o reino mineral, essas emanações dos deuses celestiais tomam forma e existência na planta, e tornam-se sua alma.

Antes de deixarmos os ensinamentos de nossa teósofa russa, a título conclusivo deste encarte, temos:

Embora os espiritualistas procurem desacreditá-los tanto quanto possível, esses espíritos da Natureza são realidades. Se os gnomos, silfos, salamandras e ondinas dos rosa-cruzes existiram em seus dias, eles devem existir agora.

Os cristãos chamam-nos “demônios”, “diabinhos de Satã” e outros nomes igualmente característicos. Eles não são nada do gênero, mas simplesmente criaturas de matéria etérea, irresponsáveis, nem bons nem maus, a não ser quando influenciados por uma inteligência superior (BLAVATSKY, 2018, p. 36).

Nos demais volumes de *Ísis Sem Véu* aborda-se questões referentes a teologia, sobretudo a papista petrina e seus engodos, mas isso ficará para outro texto.

IV. MISTICISMO COMO PROCESSO IDENTITÁRIO

Pode-se acessar o metafísico pela razão e pela crença tendo como meio a natureza viva em um planeta vivo, Gaia como organismo repleto de energias vitais que o deísmo encontra no teísmo suas manifestações e o teísmo encontra no deísmo suas justificações presentes nas várias culturas em todos os tempos, por exemplo nas explicações teóricas de Leibniz (1646-1716) acerca das mônodas como fundamento metafísico dos seres da criação, assim como nas obras orientais, citando os excelentes trabalhos de Yuki Urushibara Tsutomu Mizushima. Urushibara em *Mushishi* ao trabalhar o Japão medieval onde o andarilho e médium Ginko relaciona-se com as forças da natureza com intenções benéficas e maléficas demonstrando o caráter aético e amoral dos elementais, discutido também no reino deva e no misticismo europeu. Já Mizushima apresenta o jovem estudante Watanuki Kimihiro como médium com vidência para os *ayakashi* e o desejo que renunciar ao medianato. Aqui na Amazônia não é diferente no que tange ao assunto em foco. Sabe-se, pela apresentação dissertativa de COSTA (2011) abordando questões ambientais, jurídicas e sócio-culturais, do qual o GPRHUM – Grupo de Pesquisa em Religiosidades Aplicadas às Humanidades - utilizou-se como embasamento teórico em publicação posterior para o X CONNEPI em dezembro de 2015, que no distrito do Maruanum, na zona rural do

município de Macapá-AP, as senhoras artesãs conhecidas como louceiras invocam a entidade conhecida como mãe do barro ou mãe da terra e para o amazônica estas entidades protetoras são comuns, Assim, há uma ‘mãe do rio’, ‘mãe da montanha’, ‘mãe da noite’, etc... E, no cancionário amapaense, por exemplo, Osmar Júnior interpreta brilhantemente um hino poético a ‘mãe do rio’ perpetuando as relações entre o ribeirinho e a entidade das águas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um país miscigenado, a Umbanda firmou-se como expressão coerente e respeitável em muitos setores intelectuais, tendo o presente texto frisado suas relações com outros conhecimentos oriundos da rica antropologia nacional. Uma última análise consiste no fato de que por observação e lógica, somando-se a isso ótima argumentação e retórica, os pré-socráticos apontaram o caminho para certas assertivas compartilhadas pela ciência moderna. Tales com o princípio original da vida dependente da água, Demócrito com o conceito de átomo, Zenão com seus paradoxos físico-matemáticos e por que não Empédocles com sua visão de uma filosofia espiritualista sobre o cosmos? Mundo inteligível, Hiperurânio, Cidades Astrais, Aruanda, Paraíso Cristão, são todas expressões diferentes para uma mesma ideia?

Outro fator são as ciências morais incorporadas às Humanidades, tendo no espiritismo kardecista seu embrião para parapsicologia e a quântica tão mencionadas na atualidade.

Como um até breve, registre-se os agradecimentos a Deus que nos possibilita investigar seus mistérios pela filosofia, pela teologia e pela ciência tendo o *logos* como instrumento.

A Är-rena pela inspiração e a amiguinha Enoura pelos momentos alegres. Forte abraço quântico!

REFERÊNCIAS

- [1]. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **As Origens da Filosofia**. IN: *Filosofando: introdução à Filosofia*. 5 ed. – São Paulo: Moderna, 2013, p. 22-30.
- [2]. BLAVATSKY, H. P. **Ísis Sem Véu**. Trad. Mário Muniz Ferreira e Carlos Alberto Feltre. SP: Volume I – Ciência. Ed. Pensamento, 2017, p. 267- 302.
- [3]. _____. **Ísis Sem Véu**. Trad. Mário Muniz Ferreira e Carlos Alberto Feltre. SP: Volume II – Ciência. Ed. Pensamento, 2018, p. 11- 43.
- [4]. CARRIZOSA, Diana. **El Pensamiento de Empédocles a partir de sus Versos**. Disponível em www.scielo.org.co Acesso em: 20.10.2018.
- [5]. CHAUI, Marilena. **A Filosofia**. IN: *Iniciação à Filosofia*. 2 ed – São Paulo: Ática, 2013, p. 6-50.
- [6]. COSTA, Célia Souza. **Louceiras do Maruanum em observância aos princípios ambientais: preservação, precaução e função socioambiental da propriedade**. Planeta Amazônia: Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas, Macapá, n.3, 145p.
- [7]. COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **A Filosofia na História**. IN: *Fundamentos de Filosofia*. 2 ed. – São Paulo: Saraiva, 2013, p. 202-215.
- [8]. D’OGUM, Maurício. **Umbanda e os Elementais**. Disponível em www.umbandeiros.no.comunidades.net Acesso em: 19.10.2018.
- [9]. KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Trad. Salvador Gentile. Araras-SP, IDE, 85ª edição, 2008. 352 p.
- [10]. _____. **O Livro dos Espíritos**. Trad. Salvador Gentile. Araras-SP, IDE, 182ª edição, 2009. 352 p.
- [11]. _____. **A Gênese**. Trad. Salvador Gentile. Araras-SP, IDE, 52ª edição, 2018, 288 p.
- [12]. MIZUSHIMA, Tsutomu. **XXX HOLIC**. Direção de Tsutomu Mizushima. Estúdio Production I.G. TV BS-i, Gênero Seinen - Sobrenatural, 2006, 24 episódios.
- [13]. PAULO, Renato. Sociedade Espiritualista Mata Virgem. **Curso de Umbanda – os Orixás**. Disponível em www.renatopaulo-cultura.webnode.com.br Acesso em 18.11.2018.
- [14]. PEIXOTO, Norberto. **Orixás e os Ciclos da Vida**. 2 ed. Porto Alegre: Besouro Box, 2017.
- [15]. URUSHIBARA, Yuki. **MUSHI-SHI**. Direção de Hiroshi Nagahama. Estúdio Artland. TV Fuji, Gênero Seinen, 2006, 26 episódios.

Ricardo Soares Nogueira. " Do Lado De Lá: A Cosmologia De Empédocles Pelos Elementais E Orixás Como Sustentação Filosófica Da Umbanda Sagrada, Do Kardecismo E Da Teosofia." IOSR Journal of Humanities and Social Science (IOSR-JHSS). vol. 24 no. 10, 2019, pp. 37-42.